

A Corrida de Sebastião



Naquele dia, todos os animais dos arredores se tinham reunido na clareira da floresta.

Sebastião, o coelho mais orgulhoso e mais veloz do planeta, tinha uma vez mais desafiado um dos seus vizinhos para uma corrida. Como era ele que ganhava sempre, a aposta era: “pede-se-o-que-se-quiser-ao-que-perder”. E, desta vez, Sebastião tinha pedido um cesto cheio de cenouras.

Sebastião foi deitar-se num cantinho sossegado a saborear as cenouras. Suspirou de contente:

— Aaah, isto é que é viver!

— Tens a certeza do que estás a dizer? — perguntou uma voz que vinha do fundo da terra. — Achas mesmo que a verdadeira vida consiste em ganhar corridas, humilhando os vizinhos? — perguntou-lhe a tartaruga.



— Mas, Senhora Datterra, como é que eu havia de comer, beber e vestir-me se não fossem as corridas? Além disso, a senhora não é a pessoa mais indicada para me chamar a atenção, pois dorme dia e noite à espera que o tempo passe.

— Estás muito enganado: ando muito mais do que tu!

— Vamos fazer uma corrida? — perguntou Sebastião para a provocar.

— Aceito o desafio, e proponho como prémio que se peça ao que perder aquilo que se quiser.

Está dito, Senhora Datterra. Até lhe dou uma hora de avanço — disse Sebastião, o grande senhor.

Arranjou então umas belas cenouras e uma cabaça de sumo de fruta como o que lhe preparava Victor, o cão da quinta. Depois, convencido que ia ganhar, desatou a correr. Correu,

correu, correu... até não poder mais. Quando parou, já tinha percorrido milhares de quilómetros. Aos seus pés estendia-se um imenso lençol de água. Na sua terra havia um riacho onde os outros tomavam banho. Mas estão a imaginar o rei da corrida a chapinhar na água? Seria uma vergonha!

Mas, desta vez, tinha tanto calor e o mar estava tão lindo que Sebastião se despiu e mergulhou na água. Sentiu que era agradável e pensou que, se calhar, devia ter tomado banho com os outros animais. Mas, na sua terra, o riacho era tão pequenino, enquanto ali podia nadar naquele mar imenso...

Esperou pela Senhora Dattera, enquanto comia algumas cenouras. Esperou muito tempo e, depois, chamou-a. Em vão. Decidiu então dormir a sesta. E Sebastião dormiu por muito tempo.

Quando acordou, a Senhora Dattera ainda não tinha chegado. Então gritou: — Ganhei!

Mas, de muito longe, do outro lado das ondas, uma voz profunda respondeu-lhe: — Tttt! Isso agora é o que tu pensas, meu vaidoso. Já estou do outro lado!

Sebastião não queria acreditar. A senhora Dattera já estava do outro lado do mar! Como fazer para atravessar aquela imensidão de água? Lembrou-se então que, um dia, os gatos tinham construído uma jangada para descerem o ribeiro. Tinha-se recusado a ajudá-los. Asneira. Reuniu os conhecimentos de que se lembrava: ramos atados com uma corda...

É isso! Juntou um mastro e lançou-se à água. Sebastião pôs-se a remar. Remou, remou, remou, até chegar a terra firme. Depois, comeu as últimas cenouras e retomou a corrida. Correu, correu, correu... até não poder mais. Atirou-se ao chão e olhou em volta. Toda aquela areia, toda aquela luz: nunca tinha visto nada assim. Que calor! Estava morto de sede. Pegou na cabaça: vazia! Aproximou-se de um poço e olhou lá para dentro.

Continha uma água acastanhada, fazia impressão. Sebastião pensou então naqueles que, na sua terra, bebiam água dos charcos. Bbrrr! Mesmo assim, tirou um pouco de água e encheu a cabaça. Depois, sentou-se a admirar a magnífica paisagem e à espera da sua concorrente. Afinal, era graças a ela que estava a descobrir todas aquelas maravilhas. Fechou os olhos a sorrir e adormeceu. E dormiu durante muito tempo.

Quando acordou, a Senhora Dattera ainda não estava lá. — Não se preocupe! — gritou. — Ganhei!



Porém, de muito longe, do outro lado do deserto, uma voz profunda respondeu-lhe: — Tttt! Isso é o que julgas, coelho vaidoso. Estou aqui, no país das neves eternas.

Sebastião estava admirado: a senhora Dattera era, de facto, uma adversária de respeito!

Nem pensar mais em adormecer! Sebastião pôs-se a caminho. Correu, correu, correu, até não poder mais. Quando parou, tinha percorrido milhares de quilómetros. O espectáculo que agora se lhe oferecia deixou-o sem fôlego. Nunca tinha visto nada de tão grande, tão branco... Estava cá um frio! O que fazer para acender uma fogueira? Já nem sentia as patas. Fechou os olhos e pensou, com toda a força, na sua casa, para se aquecer um pouco.

Pensou na sua vizinha, a raposa Josefina. Em Leão, o javali, de quem troçava muitas vezes. Em Marcela, a linda marta que perseguia na floresta.

Em Gastão, a garça-real, na Berta, na Susana, na Lili, e nos outros todos... Sebastião lamentava tê-los desprezado. Sentia-se tão longe deles! E tinha tanta vontade de os abraçar que desatou a chorar, a chorar, a chorar...



Decidiu voltar para casa no dia seguinte. — Não quero saber da senhora Datterra: ela acabará a corrida sozinha!

Cavou uma lura na neve e meteu-se lá. Sentia-se feliz. A cabeça estava mais leve e, no peito, sentia qualquer coisa que nunca tinha sentido antes e que o fazia sorrir.

Quando Sebastião acordou, estava tudo verde! Comeu bagas, bebeu água do riacho, encheu a cabaça e pôs-se a caminho. Quando chegou ao mar, voltou a fazer uma pequena jangada e remou, remou, remou... Depois correu, correu, correu até mais não poder.

Um dia, finalmente, chegou a casa. Cansado, mas feliz. Os outros animais ficaram admirados por encontrarem um Sebastião tão mudado. Mas não disseram nada. Fizeram uma festa. Uma grande festa. Naquela noite, Sebastião deitou-se a dormir à beira do riacho.

— Senhora Datterra, está aí? — chamou ele.

— Estou aqui, respondeu uma voz profunda.

— Obrigado por esta viagem maravilhosa... — disse o coelho.

E Sebastião adormeceu a sorrir, com sonhos que chegavam até ao céu.

